

A representação da morte na obra *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019), de Dalcídio Jurandir

The representation of death on the work Chove nos Campos de Cachoeira (2019), by Dalcídio Jurandir

Joelson de Jesus Araújo¹

Maria Luzia Ferreira Santos²

Eloíza Cristiane Torres³

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar a representação da morte em *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019), de Dalcídio Jurandir, e seus personagens que constituem a trama e o enlevo da obra. Nesse sentido, destaca a ótica da morte, que faz alusão à uma sociedade em decadência em um período pós-guerra, cujo enredo colabora para criar uma atmosfera fúnebre e mórbida, tanto o tempo/espaço quanto ao narrador e as personagens que fornecem tais representações. Essa obra nos permite estudar a temática na literatura e perceber, por meio das personagens, o ser humano e seus conflitos existenciais e sociais. Nos apoiamos em Antonio Candido (2009), como referencial teórico ao considerarmos que a morte é o elo entre o leitor e a história, mediante mecanismos de identificação, projeção e transferência, que se consolidam e se ressignificam. Os procedimentos metodológicos adotados sustentam suas bases nos princípios da pesquisa bibliográfica e o método de análise procedimental, a partir da abordagem da crítica sociológica.

Palavras-chave: Ser humano; Representação da morte; Sociedade; Decadência.

Abstract: This study aims to analyze the portrayal of death in Dalcídio Jurandir's "Chove nos Campos de Cachoeira" (2019) and the characters that shape the narrative and essence of the work. It underscores the perspective of death, which alludes to a society in decline in the post-war period, contributing to the creation of a funereal and morbid atmosphere within the narrative, including considerations of time, space, the narrator, and characters that provide these representations. This literary work offers a lens through which to explore the theme within literature and gain insights into the human condition, particularly in relation to existential and social conflicts, as depicted through the characters. The theoretical framework of Antonio Candido (2009) is employed to understand that death serves as a bridge connecting the reader to the narrative, facilitated through mechanisms of identification, projection, and transference, which evolve and take on new significance. The research methodology is grounded in the principles of bibliographic research and procedural analysis, employing a sociological critical approach. It draws upon the theoretical perspective of Antonio Candido (2010), particularly with regards to social analysis.

Keywords: Human condition; Representation of death; Society; Decline.

¹ Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/ Departamento de Línguas Vernáculas, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: araujoelson15@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6479-5872>.

² Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (PPGEO/UDEL). E-mail: maria.luzia.geoeuca@uel.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6323-1039>.

³ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, possui pós doutorado pela Universidade Estadual de Maringá é professora associada da Universidade Estadual de Londrina, atua na graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina (PPGEO/UDEL). E-mail: elotorres@uel.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2526-470X>.

Introdução

A morte leva o ser humano a pensar sobre seus valores e suas limitações. Desse modo, nos faz refletir sobre uma inevitável realidade humana, a sua condição mortal. Condição que muitos temem, logo recusam. Todavia, temática perpassa todos os ramos da existência humana, e gera inúmeras inquietações e reflexões.

A possibilidade de deixar de existir pode atormentar as mentes e provocar uma busca pela vida e seu sentido. Contudo, dentre esses sobreviventes ainda há aqueles que almejam a morte, e a usam como refúgio e nela encontram abrigo. Questões como essas nos instigam a compreender como um ser humano pode não querer viver ou não se esforçar para isso. Muitos podem ser os motivos, mas boa parte deles está ligada a questões sociais. O desencanto pela vida também é retomado pela literatura. A temática literária da morte nos inspira e nos instiga. Por isso, este trabalho nasceu do gosto pela temática morte, e pela busca de entender como esse assunto e suas implicações é trabalhado na literatura.

Por meio da obra, *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019), a temática morte na literatura é percebida e transmutada por meio das personagens, tornando evidente os conflitos existenciais e sociais do ser humano. Antonio Candido (2009) considera que a morte é o elo entre o leitor e a história, mediante mecanismos de identificação, projeção e transferência, que se consolidam e se ressignificam.

Deste modo, nosso objetivo é analisar a representação da morte em *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019), de Dalcídio Jurandir, a partir de seus personagens. Para alcançar nosso objetivo e nortear nossa pesquisa estabelecemos os seguintes questionamentos: Como a morte está representada na obra; e quais as funções dessas representações. A obra é um romance que faz alusão à uma sociedade em decadência, em um período pós-guerra, cujo enredo é permeado pela temática morte. Observamos que toda tessitura narrativa colabora para dar à referida obra uma atmosfera fúnebre e mórbida, tanto o tempo/espaço quanto o narrador e as personagens fornecem representações da morte.

Os procedimentos metodológicos adotados para este texto, sustentam suas bases nos princípios da pesquisa bibliográfica, o método de análise procedimental se dará a partir da abordagem da crítica sociológica. Para tal, consideramos elementos da perspectiva teórica de Antonio Candido (2010), sobretudo no que se refere à análise social. Aborda ainda, o projeto “cíclico” do autor, sua construção literária a partir da realidade experimentada, representada

nos moradores de Cachoeira: pescadores, empobrecidos, ribeirinhos, prostitutas, vagabundos, etc, e revela seus dilemas sociais, políticos e culturais. Apontamos dois elementos referenciais importantes, o primeiro que conduz a estrutura narrativa e sua fragmentação, e o segundo que enfatiza às mortes apresentadas na obra *Chove nos Campos de Cachoeira*

A fragmentação narrativa em *Chove nos Campos de Cachoeira*

Chove nos Campos de Cachoeira é o primeiro dos dez livros do ciclo literário do paraense Dalcídio Jurandir, foi gestado e escrito entre 1929 e 1939 e publicado em 1941. Essa obra apresenta os dramas e expectativas de uma vila decadente, é o romance mais reeditado do autor, tendo chegado em 2019, à sua oitava edição, versão à qual nos referimos. A narrativa composta por uma linha horizontal é entrecortada por outras narrativas que se revelam pelo fluxo de consciência das personagens. Está dividida em vinte capítulos e tem como protagonistas os irmãos Alfredo e Eutanázio, ambos representam a integração entre o homem amazônico e o meio.

Consideramos que o primeiro romance do ciclo extremo norte, *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019), marca definitivamente as opções estéticas, a postura política e a contribuição literária de Jurandir. O autor possibilita um olhar de dentro para fora da região amazônica, um olhar de quem testemunhou a resistência de um povo “invadido” pelo “progresso” e pelos interesses externos. Um olhar que revela a esperança de uma nova Amazônia. O enredo dessa obra, remete à sociedade e aos dilemas político-econômicos e culturais passados no norte do Brasil, no início do século XX. Segundo Furtado (2002), ao percorrer temas de teor político e social, e ao romancear a vida de pobres e desvalidos na Amazônia, Jurandir apresenta forte conteúdo humano. O romance apresenta a saga do adolescente Alfredo, sua necessidade de estudar, de sair da pequena Vila de Cachoeira e esquecer tudo o que ela representava. Desvela também a trajetória decadente de Eutanázio, irmão de Alfredo por parte de pai, personagem agônico revelado como “amante do sofrimento” (JURANDIR, 2019, p. 54), que vive uma vida à contramão dos valores sociais e nutre um amor não correspondido por Irene.

O espaço narrado é a Ilha de Marajó, mais especificamente a Vila de Cachoeira, que funciona como uma espécie de palco, onde a vida humana é tecida com o meio ambiente amazônico, de modo que o título *Chove nos Campos de Cachoeira* faz alusão à cidade de

Cachoeira do Arari, município localizado na margem esquerda do rio Arari. A descrição do ambiente é uma estratégia para naturalizar a narração, torná-la mais verossímil. São recursos chamados por Yves Reuter (2002, p. 161) de “pedaços de vida, extraídos da história de pessoas reais, pertencentes ao nosso universo”. Indicações espaço-temporais, datas, personagens referenciais, eventos culturais, recortes históricos, entre outros recursos, apoiados na ação das personagens. Asseguram o realismo na narrativa tendo em vista a verossimilhança. Segundo Paulo Jorge Martins Nunes, em *Chove nos Campos de Cachoeira*, o cenário amazônico e a predominância da água estão em consonância com o tempo psicológico das personagens, como se fosse “[...] uma tendência de o autor vestir cenas, personagens e situações na paisagem líquida da Amazônia. Linguagem fundamentada num repertório léxico-semântico aquático” (NUNES, 2007, p. 105).

A presença das águas, sua fluidez, revela o espaço, o clima, e adentra na interioridade das personagens. Corrobora em nosso estudo a análise de Samantha Costa de Sousa (2016), ao propor verificar como o espaço na narrativa é construído, como acontecem as relações afetivas traçadas entre as personagens e o espaço, as então denominadas *topofilia* (amor pela terra) e *topofobia* (aversão à terra).

De acordo com Sousa (2016), o romance tem como espaço principal uma terra repleta de mistérios imbricados na existência das personagens, seus habitantes, uma existência que pode ser resumida em medos, angústias e misérias. O foco narrativo predominante em *Chove nos Campos de Cachoeira* é o do narrador externo e onisciente. Na tipologia de Norman Friedman (2002), a característica do narrador onisciente é a do ponto de vista ilimitado, de modo que “a estória pode ser vista de um ou de todos os ângulos, a vontade: de um vantajoso e como que divino ponto além do tempo e do espaço, da periferia ou frontalmente” (FRIEDMAN, 2002, p. 173).

O narrador onisciente, por meio da força de Eutanázio, usando o diálogo interno, em que personagem e narrador se falam, convida o leitor a sentir as náuseas, angústias, sofrimentos, efemeridade, valor da vida e experimentar a morte, assim como ocorre no seguinte trecho da narrativa:

Eutanázio pensava que doença do mundo ele tinha era na alma. Vinha sofrendo desde menino. Desde menino? Quem sabe se sua mãe não o botou no mundo como se bota um excremento? Sim, um excremento. Teve certa pena de pensar assim sobre sua mãe. Não tinha grandes amores pela mãe (JURANDIR, 2019, p. 31).

Percebemos a sutil passagem entre os acontecimentos e as falas do narrador, sobretudo pelos verbos do pretérito imperfeito: “pensava”, “tinha”, “vinha”. O narrador sente as aflições e as incertezas da personagem, o narrador auxilia o leitor para que este extraia algo do personagem. A narrativa em que a fusão dialógica une narrador e personagem é um traço de modernidade na literatura de Jurandir. As inúmeras vezes que hora podem confundir o leitor dalcidiano, revelam traço de modernidade, une as personagens, de modo que Cleide Nascimento da Cunha considera que:

Dalcídio Jurandir deixa para a Moderna Literatura brasileira um romance que revela uma narrativa complexa, pela aproximação do narrador e personagem através de um elo psíquico, podendo despertar confusões na identificação das vozes; pela predominância do discurso indireto livre como um recurso que permite longas construções revelando de um lado a confusão anterior, de outro permitindo ao leitor um profundo conhecimento da vida das personagens (CUNHA, 2004, p. 534).

Essa reinterpretação histórica da Amazônia, que deve ser vista pela perspectiva do presente e do futuro, cria um sentimento de impotência diante de um passado que não pode ser recuperado, estabelecendo uma sensação de inércia, perpassado através da atuação das personagens: “Dr. Casemiro Lustosa é o novo proprietário dos campos de Cachoeira. Com ele os pobres não podem mais tirar lenha, a cerca já foi levantada e de arame farpado” (JURANDIR, 2019, p. 334). O tempo, por sua vez, caracterizado pelo “Desejo de escapar do presente” (MALIGO, 1992, p. 50), estabelece uma crítica do presente a partir da rememoração de uma nostalgia do passado. Em Eutanázio, o passado não é uma simples coisa morta, mas atua com força no presente. As lembranças do riso odioso de Irene proporcionam-lhe alucinações e reações físicas: “Um riso que o cortava todo, caía nos nervos como vidro moído” (JURANDIR, 2019, p. 39). Entendemos que a análise da categoria tempo têm relevância por corroborar na sensação humana em superar a brevidade da existência, apreciada do ponto de vista atemporal.

“À noite, muitas vezes, quando os seus nervos se arrepiam e sente-se só, sem amigos, sem pensamentos, sem saudade, os risos de Irene se voltam tenebrosos” (JURANDIR, 2009, p. 39). O tempo transcorrido é desorganizado pelas interferências subjetivas da personagem, o tempo psicológico e os acontecimentos se entrecruzam. Sendo assim, percebemos que em

Chove nos Campos de Cachoeira, ocorrem constantes fragmentações narrativas, ocorridas pela analepse e prolepse temporal. No enredo também encontramos outras fragmentações além das temporais, tais como fragmentações sociais, culturais e espaciais, contudo não nos aprofundaremos nessas questões aqui, tendo em vista que elas serão abordadas ao longo da pesquisa.

Os focos de morte na região de Cachoeira

Mediante a leitura da obra *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019), constatamos que a morte permeia todo o romance embrião de Dalcídio Jurandir, observamos que os termos referentes à morte aparecem quase 250 vezes. Além da palavra morte encontramos inúmeras derivações tais como: mortos; morresse; morrer; matou; morria; morrera; morrido; morto; morta; morro; matando; matarzinho; matava; morre; morreu; morre-se; morrendo; mata; matá-lo; morreram; matar; matá-la; mate; matar-se; matas; matado; matara; mortas; matou; matasse e morres.

A morte também é representada pelos inúmeros falecimentos pela sífilis e pela gripe espanhola, a narrativa enfatiza o período epidemiológico gravíssimo da época. Esse falecimento em massa trouxe grandes sequelas sociais, expondo muitos outros problemas (econômicos e de saúde pública). Essas mortes trágicas são narradas da seguinte forma no romance:

Os defuntos pobres iam mesmo nas redes velhas, nas esteiras. As covas já nem eram de sete palmos. Enterravam dois, três, numa cova. [...] o velho Abade, suado e bêbado, exclamando: - Não posso mais. Já acabei com toda a madeira da vila. Não posso com tanto defunto. Eu morro! - O homem estava transfigurado, lívido, os olhos esbugalhados, bebendo cachaça com limão, a vasta cabeça cabeluda, as orelhas chatas e a eterna coceira nas costas. - Não posso mais, Eutanázio, não posso mais! (JURANDIR, 2019, p. 126).

As mortes eram tantas que já não havia em Cachoeira do Arari madeira suficiente para fazer os caixões, os mortos eram jogados em covas comunitárias. Esses aspectos demonstram a gravidade dos problemas enfrentados durante esse momento desolador, e evidenciam novamente o quanto a morte era recorrente e insignificante na Vila de Cachoeira. O recurso de verossimilhança presente no cenário transposto para a ficção revela a presença da morte que assolava Cachoeira do Arari, e tem uma dimensão simbólica. Ao trazer a ideia de morte e

de sofrimento, o narrador de *Chove nos Campos de Cachoeira* usa de elementos próprios da região amazônica, tais como: o mormaço, a fadiga, a umidade, as cheias, o fogo, etc., como forma de proporcionar ao leitor a sensação desses elementos.

Logo no primeiro capítulo da obra, “A noite vem dos campos queimados”, a referência ao mormaço, aos campos queimados possibilita ao leitor a imaginação de um ambiente morto, desolado e transformado pelo fogo. O espaço incinerado influencia as atitudes das personagens. Durante o verão amazônico, período em que a chuva é escassa e os campos são queimados para o ressurgimento da vegetação, o ambiente se torna hostil e precário, esse clima remete também ao povo que vive nessas condições. O espaço se modifica ao longo da narrativa, e nos demonstra que tanto a falta de chuva quanto a presença dela cria esse ambiente fúnebre, tal como ocorre no seguinte trecho:

Uma nuvem mais pesada de chuva cresceu no céu. Quando chove, Cachoeira fica encharcada. Os campos de Cachoeira vinham de longe olhar as casas da vila à beira do rio, com o desejo de partir com aquelas águas. Quando chovia, mesmo no verão, as chuvas eram grandes e os campos ficavam alagados (JURANDIR, 2019, p. 32).

Esse cenário melancólico, chuvoso, constituído de densas trevas, se reflete nas ações das personagens, e embala o clima de morte existente na obra. As águas apodrecem os campos e os tornam sem vida, essa degradação afeta as personagens, que também se sentem apodrecidas, inundadas e desoladas. A vegetação e os humanos, as casas e os seres vivos, parecem misturar-se com a infiltração da água, com a inundação que desmancha a solidez, decompõe a matéria. A morte como parte cíclica, em que a vida humana não é mais importante que a de outros seres vivos que se misturam na inundação.

A morte na obra é intensificada, principalmente, pelo relato das mortes das personagens. Ao todo são mencionadas vinte mortes ao longo do romance: a de um dos filhos de dona Amélia, que morreu afogado no poço; a da mãe de Eutanázio; do homem assassinado pelo ex-noivo de Bitá; o assassinato do avô do Major Alberto; a morte do Coronel Bernardo; a da mãe de D. Amélia; a de D. Rosália Saraiva; a de Pedro Amâncio; as lembranças do funeral de Manuelzinho; o crime cometido com Izabel; a morte de Chico Barraca; o afogamento de Clara no rio; a morte de D. Emiliana; o assassinato do sapateiro e o suicídio de seu assassino;

a morte da Duquesa, mãe de Adma; a morte da mãe de Ângela; o suicídio de Ezequias; a morte de Cristino e a de Eutanázio.

A primeira morte relatada é a de um dos filhos de dona Amélia, irmão de Alfredo. É por meio do narrador que conhecemos o episódio: enquanto a mãe lavava roupas, Alfredo caiu em um poço. A mãe sem pensar pulou no poço e salvou o filho. Diante desse fato, a narração adentra no psicológico de dona Amélia para revelar que: "Salvará o filho, e daí em diante parecia mais dela, saindo não somente da sua carne como do seu ressentimento, que ela sempre guardava consigo mesma a respeito do outro filho que morrera afogado" (Jurandir, 2019, p. 24). O narrador conduz a cena de modo a transparecer os sentimentos da personagem ao longo da narrativa, exemplificados na presunção dela de que o filho Alfredo também poderia cair em um poço. A lembrança da morte de um dos filhos, e a saúde fragilizada do outro, que trazia feridas nas pernas e constantes febres, fazem com que D. Amélia tenha a sensação de que poderia estar condenada a ser mãe de filhos mortos. Nessa região amazônica, pela abundância das águas, inúmeras são as mortes prematuras por causa de afogamento.

A segunda morte é a da mãe de Eutanázio, narrada da seguinte forma: "Não tinha grandes amores pela mãe. Morrera, e quando o caixão saiu, ele sem uma lágrima sentiu sede e foi fazer uma limonada. Aquele choro das irmãs, dos parentes, lhe pareceu ridículo" (JURANDIR, 2019, p. 31). As lembranças dizem mais sobre a morte do vínculo fraterno do filho, do que a morte da mãe. Nesta cena, através de certa frieza e indiferença de Eutanázio, a morte é tratada em sua forma mais crua. Como não parece haver espaço para emoções, Eutanázio ocupa-se com outra coisa, a morte para ele parece ser familiar, não proporciona medo ou estranheza. A terceira morte é contada por Dona Dejanira, atual esposa de seu Cristóvão, a Eutanázio. Joaquim Carvalho, ex-noivo de sua filha Bita, assassinou um homem. "[...] um homem que tem ruim história, seu Eutanázio. Sentou no banco de réu. [...]. Só estou surpresa é a Bita ter acreditado num bandido desse. Matou um homem. Saiu da cadeia porque teve Dr. Amorim por ele." (JURANDIR, 2019, p. 71).

Percebemos a denúncia de crimes e da corrupção em Cachoeira tanto pela compra do júri, quanto pela afirmação de que Carvalho era capanga do Dr. Amorim. Joaquim Carvalho "[...] possui uma regular fazenda. Fazenda ganha com muita safadeza, capangagem, contrabando, o que importa? [...] foi sempre muito protegido. Ficou mais tarde dono da canoa *Deus te guie*" (JURANDIR, 2019, p. 73). Ao ressaltar o enriquecimento ilícito de Carvalho, o narrador evidencia a grilagem de terra e o roubo de gado como realidade em Cachoeira. É por

meio do narrador onisciente que temos a informação da quarta morte na trama, a do avô do Major Alberto, vejamos: “Seu avô fora morto pelos cabanos no engenho do Curral Panema. Contava a vida de uma velha Belém do tempo de sua avó, quando se esperava navio de mês a mês e se comia muito bem com qualquer patacão imperial” (JURANDIR, 2019, p. 84).

As façanhas da Cabanagem contada pelo avô destacam a revolta dos cabanos ocorrida na então província do Grão-Pará, entre os anos de 1835 à 1840. Segundo Márcio Souza (2019), esse movimento ocorreu devido à extrema pobreza que a região passava. O nome do movimento faz referência as habitações dos ribeirinhos, que era uma espécie de cabana. Souza (2019) complementa ainda que, meio da história, sabemos que essa revolta foi uma forma de protesto pela retirada do poder de governantes que, embora nomeados, não se importavam com as questões sociais da região. Iniciada pela elite, a revolta ganha o apoio do povo ribeirinho, indígena, negros e escravos, que foram esquecidos das decisões políticas pela própria elite, após expulsarem os portugueses.

Na revolta, os Cabanos invadiram o palácio em Belém e mataram o então governador Bernardo Lobo Souza. A instabilidade e traições entre os líderes do movimento impossibilitou um governo forte e duradouro. Estima-se que morreram aproximadamente 40 mil pessoas durante o processo. O governo central assumiu o poder em abril de 1836, após grande ataque militar ao cabanos em Belém. Vários cabanos refugiaram-se no interior, sendo cassados até o ano de 1840.

Na quinta morte o narrador destaca a postura ética do Major Alberto. Vejamos: “[...] com a morte do Coronel Bernardo, tesoureiro da Intendência, fez tudo para solver as dívidas que seu amigo havia deixado. Era uma ocasião para furtar. [...] A responsabilidade era do morto. E ficaria com o dinheiro.” (JURANDIR, 2019, p. 96). Major Alberto representa uma sociedade rica que caiu em ruína, mas não perdeu sua dignidade. Seu zelo pelas coisas do expatão faz do Major Alberto um exemplo moral, pois mesmo tendo a oportunidade de roubar não o fez. A sexta morte é rapidamente relatada na voz de D. Amélia que, questionada por algumas mulheres sobre seu interesse no Major Alberto, exclama: “Não fui me agarrar nos fundilhos das calças dele para se amigar comigo. Não vou atrás de dinheiro porque sei que ele não tem. [...] A única pessoa que me incomodava era mamãe. Essa morreu.” (JURANDIR, 2019, p. 99).

Na análise das mortes do romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, percebemos a fusão entre mito, história e ficção. Isso possibilita a recriação do contexto amazônico. São os

ensinamentos a partir da cultura local, sob a possível ótica do caboclo amazônida, que sugere revelar um viver longínquo dos grandes centros urbanos, esquecido, sofrido e desejoso de mudanças. A décima sexta morte é da Duquesa, mãe de adolescente Adma, vejamos:

Nunca mais esqueceu a manhã em que Adma, mais pálida ainda e com os olhos extraordinariamente aflitos ou espantados, fez uma cada de choro ou de pavor ao ver entrar o caixão para sua mãe. [...]. O pai com a boca meio aberta, o filhinho mais novo no colo com a chupeta na mão, não tinha sossego. Adma porém, fez um gesto, aquela cara, o grito, e foi com a entrada do caixão que sentiu mesmo a presença da morte em sua casa (JURANDIR, 2019, p. 230).

A minguada luz do candeeiro e o escuro do corredor descrito pelo narrador, fez com que o pavor e o medo da morte se tornassem mais tenebrosos. Esses elementos espaciais colaboram na sensação do obscuro da morte, atenuando seu mistério. As reações da filha também colaboram para a intensificação da dor mediante a presença da morte da mãe.

A décima sétima morte é a da mãe de Ângela, vejamos: “A mãe tinha morrido em cima de uma tina de roupa, em Belém. Viera com o pai, magrinha e amarela [...]. Em Cachoeira ganhara saúde” (JURANDIR, 2019, p. 254). A jovem Ângela não quer o destino da mãe, morrer de trabalhar. Ela quer também aproveitar a vida e vê no casamento uma oportunidade. A narração aponta que a mulher é vista por muitos homens para “[...] viver no fogão, lavar roupa, parir filho e tratar do homem quando doente” (JURANDIR, 2019, p. 254). É a denúncia da exploração feita à mulher. Uma sociedade altamente machista é mostrada nesta obra. A décima oitava morte, a de Ezequias, que “Deixou uma carta dizendo que se matava porque estava leproso” (JURANDIR, 2019, p. 268). O narrador destaca que o suicídio de Ezequias, com um tiro na cabeça, era devido à lepra, justificada com a carta deixada. Ezequias não queria sofrer mais ou adiar a sua morte.

A décima nona e penúltima morte é a de Cristino, essa morte aconteceu após uma briga em que Cristino quebrou um violão no rosto de Raquel. Ele saiu de casa e “[...] chegou nas Cuieiras dizendo: A fama chega fazer de mim um assassino [...] Tomou o rifle e seguiu para ao mato. Largou toda a carga debaixo do queixo” (JURANDIR, 2019, p. 311). D. Dejanira chora pelo filho morto. A narrativa evidencia os constantes conflitos na casa de D. Dejanira e seu Cristóvão: brigas, falta de dinheiro, reclamações, ocupar-se com a via alheia. O desajuste social é demonstrado mediante o desrespeito. Cristino estaria influenciado por essa conduta?

A vigésima e última morte na narrativa é a de Eutanázio, porém daremos mais destaque a ela, sobretudo, no terceiro capítulo. Consideramos que o conflito existencial dessa personagem, carregada de angústia, nos permite perceber melhor o ser humano. Esse é um dos motivos pelos quais escolhemos aprofundar nossa análise nessa personagem, devido a sua carga simbólica. Eutanázio na obra é a personificação da morte, ele é o personagem que mais se aproxima dessa temática, e é através dele que conseguimos compreender as possíveis representações da morte presentes na obra.

Essas inúmeras mortes mencionadas no romance são apresentadas ao lado de uma forte crítica social. A forma como essas mortes acontecem e o modo como elas são vistas pela sociedade demonstram o valor da vida e da morte para os moradores dessa região. São mortes carregadas de simbologias e representam uma sociedade mórbida, decadente e desfalecida, onde a vida reflete a morte. A morte revela o valor da vida para as personagens da obra. Na narrativa a morte é vista de forma diferente, justamente porque a vida tem para os moradores de Cachoeira do Arari um sentido diferente, a vida não possui a importância e a motivação suficiente para continuar seu curso. Essa falta de vitalidade é um problema que aflige boa parte das personagens e interfere diretamente na forma de lidar com a vida e com a morte. O desencanto pela vida é realidade em Cachoeira e revela que “[...] a vida perdeu o mistério para Cachoeira” (JURANDIR, 2019, p. 268).

Considerações finais

A representação da morte na obra *Chove nos Campos de Cachoeira* possui inúmeras facetas, pois em alguns momentos causa dor e sofrimento e em outros causa alívio e alegria, para algumas personagens a morte é a continuidade da vida, uma oportunidade de recomeço, para outras ela representa medo e angústia. Eutanázio experimentou essa ambígua concepção de morte, pois viveu temendo-a, e sofrendo por ela durante muitos anos, mas diante dela ele encontrou alívio para suas angústias e sofrimento, e a recebeu de forma resiliente.

A maneira como o narrador apresenta o falecimento nos leva a ver a morte como algo natural e recorrente, além de nos gerar muitas reflexões. Destacamos na obra de Jurandir, as informações do contexto amazônico como fonte de elementos culturais e sociais, além da visão crítica do período de decadência econômica da borracha, em que volumam os problemas sociais da região amazônica.

As mortes na obra, em especial a da personagem Eutanázio, conduzem os leitores a mergulharem nos mistérios existentes entre a vida e a morte, a se afundarem em seu interior, e pensarem sobre sua finita existência. Na obra, as águas e as mortes criam no leitor um misto de sentimentos, e o levam para as profundezas da existência humana, sua degradação e destruição. A morte de Eutanázio nos leva a navegar em direção ao nada, ele com sua vida turva se afoga em seu sofrimento, em meio às águas nebulosas de sua vida ele não tenta se salvar, ou nadar até a margem, ele vai em direção ao fundo e lá permanece até se afogar em suas dores e angústias. A personagem Eutanázio representa a morte como fenômeno biológico, tanto para o ser humano, como indiretamente para o leitor, o qual pode colocar-se em seu lugar e imaginar-se experienciando alguns de seus sentimentos. Ele é caracterizado pelo narrador com certa resignação frente aos valores econômicos, religiosos e sociais, e por meio do uso dos fluxos de tempo entrecortados, reforça nele o trágico e o irônico a ponto de causar espanto e admiração no leitor.

Nesse trabalho enfatizamos a personagem Eutanázio, pois compreendemos mediante nossa leitura que sua morte ocorreu ainda em vida, ou seja, cada dia ele morria um pouco. Buscamos então sugerir mediante nossa análise que essa personagem durante sua existência se auto aniquilava, degradava e permitia que os outros também o destruíssem. Sua vida seguia rumo à morte de forma lenta e intensa. A morte o acompanhava desde seu nascimento, por isso traçamos sua trajetória do início de sua vida até sua morte. Esses momentos de sua vida demonstram que ele nunca, de fato, viveu.

A concepção de morte representada na trama, colabora para o entendimento da morte como fenômeno natural para o ser humano. Esses pensamentos partem da suposta percepção cultural religiosa vivenciada pelos moradores da Ilha do Marajó, nas primeiras décadas do século XX, a adoção do catolicismo popular, certo misticismo religioso, proveniente das práticas religiosas locais e das influências do espiritismo.

Identificamos a presença de elementos históricos que colaboram para a densidade da narrativa sob a perspectiva sociológica. As mortes na narrativa, expressam como a morte pode ser percebida a partir desse espaço e suas representações sociais. A personagem Eutanázio é afetada pelo meio e, também afeta outras personagens a partir de seu pessimismo frente à vida, cumprindo sua própria enunciação: eutanásia. Esse personagem também representa uma sociedade que, mediante as condições sociais, a falta de perspectiva, perdeu o interesse pela vida.

A construção ficcional de *Chove nos Campos de Cachoeira*, se consolida com a personagem Eutanázio, justamente, na construção narrativa dialógica e às vezes dicotômica, representados na força e sentimentos que podem provocar e causar a vivacidade das questões relativas à morte. O leitor é convidado a mergulhar e a experienciar os possíveis sentimentos da personagem, de modo que, Eutanázio é a própria morte presente nos caracteres do texto.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CUNHA, Cleide Nascimento da. A estrutura narrativa em *chove nos campos de Cachoeira* de Dalcídio Jurandir. **Anais da XX Jornada – GELNE**. João Pessoa, p. 529-524, 2004. Disponível em: <http://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2004/PDF/Cleide%20Nascimento%20da%20Cunha.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2022.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./mai. 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4995870/mod_resource/content/2/Friedman.Ponto%20de%20vista.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. 2002. 263 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=491686>. Acesso em: 19 jul. 2021.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 8. ed. Bragança: Parágrafo, 2019.

MALIGO, Pedro. Ruínas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir. **Revista USP**, São Paulo, n. 13, p. 48-57, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25596/27338>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007. Disponível em: http://jail.mp2.macomnet.net/massaud_moises-a_analise_literaria.pdf.

NUNES, Paulo Jorge Martins. **Útero de Areia, um estudo do romance ‘Belém do Grão Pará’, de Dalcídio Jurandir**. 2007. 196 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=90015. Acesso em: 01 ago. 2021.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Tradução:

Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. Disponível em: <https://literaturaufalarapiraca.files.wordpress.com/2017/03/a-anc3a1lise-da-narrativa-o-texto-a-ficc3a7c3a3o-e-a-narrac3a7c3a3o-yves-reuter.pdf>.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/contexto I**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SANTOS, Isabel dos. **Chove nos campos de Cachoeira: o primeiro romance moderno da Amazônia**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29095/000775555.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SOUSA, Samantha Costa de. **Poeticamente o homem habita esta terra: a construção do espaço em chove nos campos de Cachoeira**. 2016. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPA_5cea9aca67e401efad5fb44ab01e989d Acesso em: 28 fev. 2022.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019. Disponível em: https://statics-submarino.b2w.io/produtos/documentos/134470905/134470913_1.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.